

ANAYDE DA COSTA BEIRIZ ALÉM DAS PALAVRAS: EDUCAÇÃO, HISTÓRIA E RELAÇÕES DE GÊNERO

Mariza de Oliveira Pinheiro
UFRN
mariza_pinheirop@yahoo.com.br

Dolorosas reminiscências do sonho desfeito da minha mocidade...
(Anayde Beiriz, Parahyba do Norte, 1926 *apud* ARANHA, 2005, p. 143).

A intenção deste artigo é analisar as epístolas trocadas entre a professora Anayde Beiriz e o estudante de Medicina Heriberto Paiva. Ela, residente na provinciana cidade da Parahyba do Norte. Ele, na efervescente cidade do Rio de Janeiro, no período de agosto de 1924 a setembro de 1926, em plena *Belle Époque*. Nesta perspectiva epistolar, para desenvolver este estudo, guia-se pelas categorias Educação, História e relações de gênero, por estarem intrinsecamente relacionadas com a história da educação da mulher. Na leitura deste diálogo epistolar, buscam-se os silêncios, os interlocutores, as confidências, o sentido das palavras nas entrelinhas, do não dito explicitamente. Desta forma, o estudo, apresenta-se como uma leitura da representação do mundo social, das relações de gênero, dos conflitos, dos sentimentos, dos lugares e tempos circunscritos na escrita epistolar.

O *corpus* documental utilizado para a análise, é composto de sessenta cartas e foram organizadas por Aranha (2005), no livro *Anayde Beiriz: a panthera dos olhos dormentes*. As missivas estão intercaladas, conforme a natural efetivação da correspondência, contendo trinta cartas de cada um, um telegrama, dois retratos enviados por ele e três postais enviados por ela; depoimentos e poesias de contemporâneos além de análises de alguns jornais da época fornecidos pelos familiares.

As epístolas, de forma manuscrita foram compiladas pelo próprio punho da professora Anayde, para um caderno, uma espécie de diário, com o título, “Cartas do meu grande amor”. Em seu conteúdo relatam uma intensa história de amor. Talvez, tenha sido esse o desejo da professora-poetisa. A perpetuação do amor, reminiscências

do sonho da mocidade e da saudade. O encantamento, que acompanham os tempos, também inebriada na utopia tão desejada e conclamada pelos poetas, a cristalização do eterno e sublime amor.

Desde a Antigüidade, o processo epistolar está presente na história da humanidade. De Horácio, Ovídio, os filósofos, as cartas de São Paulo destinadas à comunidade cristã contidas na Bíblia. Em Epicuro, passando pela Idade Média com Petrarca. Na lírica dos trovadores, no Renascimento, com os humanistas impulsionados pelo surgimento da imprensa jornalística, até chegar à literatura como gênero literário da epistolografia, como as de amor proibido de Abelardo e Heloisa, de Emma Bovary e os amantes, as trágicas como as do jovem Werther, em Goethe.

Gonçalves (2006, p. 100) ressalta que “os homens foram excelentes missivistas”, não sendo esse gênero exclusivamente produzido pelas mulheres. Entretanto, têm-se, na própria história da humanidade, as manifestações da escrita feminina, seja na imprensa, na literatura ou ainda na prática epistolar como instrumento estratégico de conquista e influência no espaço público.

Por outro lado, Gomes (2004, p. 21) explica que uma das razões apontadas dessa prática cultural ser caracterizada pela forte presença feminina é por transmitir em sua grande maioria as relações de convivência familiar. A escrita de si é “a expressão de sentimentos como os da amizade e do amor”. Autoriza uma intimidade sincera, emotiva, verdadeira, “a produção do eu, profundo, subjetivo, autêntico”, exercício tipicamente feminino, “por questões de constrangimentos sociais”.

Grosso modo, a missiva é uma escrita privada, íntima e familiar, praticada em sua grande maioria, no silêncio da madrugada. Conforme assevera Perrot (2007, p. 28), “A carta é um prazer, uma licença, e até um dever das mulheres. As mães, principalmente, são as epistológrafas do lar”. Enquanto, afirmação de um “eu”, o diário ou a missiva, são infinitamente preciosos. Constitui-se numa forma de sociabilidade autorizada, recomendada ou tolerada. É, o testemunho dos sentimentos, das emoções, dos sofrimentos escondidos e, das práticas nas relações sociais e amorosas. Permitem a expressão pessoal do espaço íntimo. “São objetos esperados, aguardados com impaciência, chegando a mudar um dia de tédio”, comenta Camargo (2000, p. 206), sobre as emoções expressadas nas cartas de adolescentes. Diz ainda: “a carta é o veículo. A escrita, modos de ser. E a leitura, modos de ver” (Ibidem).

Do ponto de vista de Santos (1994, p. 23), “uma carta sempre foi objeto de respeito, quase diria: um objeto sagrado... ela sempre foi acompanhada de um mistério

quase religioso”. As missivas são fontes de pesquisa com interesses histórico, literário, institucional ou documental. Sobretudo, as epístolas representam os conflitos, o desejo de se encurtar a distância e o regar das sementes das emoções que envolvem o universo social. De certa forma, a escrita de si, abre espaço e legitima o registro de pessoas “anônimas”, “comuns”. O que importa não é a “verdade em si do que houve”, mais sim o que o sujeito histórico, viu, sentiu e experimentou como fonte e objeto de estudo valioso para a compreensão da configuração sociocultural de um tempo e lugar.

Para Foucault (1992, p. 134), “como elemento do treino de si, a escrita tem, para utilizar uma expressão que se encontra em Plutarco, uma função *etopoética*: é um operador da transformação da verdade em *ethos*”. *Ethos* é um termo utilizado pela retórica antiga, refere-se a imagem de si mesmo. Esse tipo de escrita surgiu entre os séculos I e II d.C e estabeleceu-se de duas formas: nos *hypomnematas* (cadernos pessoais, livros da vida, guias de conduta) e na correspondência. No que se refere a missiva, tanto atua sobre aquele que a envia quanto naquele que a recebe, através da leitura e releitura. “É a própria alma que há que constituir naquilo que se escreve”, bem como, “pelo jogo das leituras escolhidas e da escrita assimiladora”, forma-se uma identidade (idem, p. 144).

Como fundamento para o uso dessas fontes, utilizo como referencial teórico-metodológico a História Cultural. Sobretudo, justifico a escolha por esta corrente teórica por favorecer as explicações e análises acerca das relações com os objetos de forma específica para cada caso, e segundo composições e distribuições sempre singulares a partir da época, dos saberes contrapondo-se à concepção unificada dos acontecimentos. Interessa-se também pela história silenciada, excluída do cânone tradicional, entendida a partir de uma situação singular (particular), analisando como esta se produz no mundo social, quais seus conflitos, quais as percepções e interesses contidos nos discursos que a descrevem a história. Nesta abordagem, a pesquisa direciona-se para objetos que antes eram considerados pequenos sem importância como as práticas cotidianas, as descrições individuais, compreendendo as especificidades do tempo e do espaço em que estes se configuram.

Neste sentido, Elias (1980, p. 147) defende que as pessoas ligam-se emocionalmente por meio de símbolos, ou seja, as pessoas ligam-se por meio de relações comuns e inter-pessoais e alargam a consciência do “eu e nós”. Ele explicita esse entendimento a partir do conceito de configuração, o qual compreende que a singularidade é indissociável da pluralidade, ou seja, “uma coisa não pode ser feita sem

a outra.” (idem, 1980, p. 140). O indivíduo e a sociedade apesar de possuírem existências independentes, referem-se aos dois níveis inseparáveis do mundo humano. Assim, o individual é compreendido na sua relação de interdependência com o coletivo e as variadas relações humanas, seja econômica, política, cultural e social são como agentes unificadores que formam uma teia interligando toda uma sociedade.

Por conseguinte, a singularidade e as tensões que envolvem Anayde Beiriz e Heriberto Paiva estão relacionadas às configurações da realidade social do seu tempo e às redes de interdependências que ligam ambos a essa dada sociedade. Desse modo, Anayde Beiriz, Heriberto Paiva e a sociedade Paraibana são inseparáveis do universo humano daquela dita época.

Ainda Elias (1994, p. 249), em *O processo civilizador*, percebe-se como o comportamento e as relações humanas transformaram-se na história da humanidade. Sobretudo, como a convivência social foi se constituindo ao longo do tempo e como as influências da cultura Ocidental se impuseram no mundo. Padrões e modelos de controles das emoções estabeleceram os comportamentos a serem adotados pelos indivíduos que compõem a sociedade. O indivíduo “autônomo”, na realidade é orientado por outras pessoas e é dependente delas. “A rede de interdependências entre os seres humanos é o que os liga”. Existem as dependências por ação da natureza, na aprendizagem social, na educação, socialização, ou seja, nas necessidades recíprocas.

Em Chartier (1990), utiliza-se o conceito de realidade/representação por constituir-se num *corpus* de diversidade de interpretações que constroem suas significações que não encerra em si a verdade suposta como única e permanente. Nesta relação, o conceito de representação é fundamental na História Cultural e foi utilizado pelos historiadores a partir do início do século XX.

Desta forma, pode pensar-se uma história cultural do social que tome por objeto a compreensão das formas e dos motivos – ou, por outras palavras, das representações do mundo social – que, à revelia dos actores sociais, traduzem as suas posições e interesses objetivamente confrontados e que, paralelamente, descrevem a sociedade tal como pensam que ela é, ou como gostariam que fosse. (CHARTIER, 1990, p. 19).

Entende-se por representações as posições e os interesses que constroem o mundo real segundo modelos discursivos e delimitações intelectuais próprios de cada situação de escrita, ou seja, são construções feitas a partir de condutas e práticas sociais constituídas por forças de poder.

A análise das missivas fez-me compreender que as informações ou as fontes que ora havia encontrado sobre Anayde Beiriz e Heriberto Paiva são frutos de representações. E, essas representações são construções que apresentam “verdades” ditas, envolvendo processos discursivos, ideológicos e delimitações intelectuais próprios de cada situação de escrita de quem produz seu reconhecimento e legitimidade no mundo social. Desta maneira, não se analisará as representações sobre Anayde Beiriz e Heriberto Paiva de forma isolada, como seres em si mesmos agindo e existindo com absoluta independência. Compreendem-se as práticas culturais de Anayde Beiriz e Heriberto Paiva, como sujeitos históricos visíveis em sua pluralidade, materializado num grupo ou sociedade.

Os missivistas

A normalista e o estudante conheceram-se no ano de 1924. Ela, de origem modesta filha de um funcionário do jornal *A União*, de tez morena, olhos escuros e cabelos negros. Ele, Heriberto Paiva, nascido em (1906–1978)¹, um estudante de medicina, filho da alta burguesia paraibana, mantido financeiramente pela família. Branco, louro e de olhos azuis, sócio e freqüentador do Clube Guanabara, um dos mais luxuosos do Rio de Janeiro. Desatentos às suas diferenças sociais começaram o namoro intenso e proibido.

Heriberto conheceu Anayde quando estava de férias na província paraibana. Seduziu-se pela exuberante beleza morena da normalista. Anayde havia acabado de se diplomar, era freqüentadora dos eventos sociais na cidade, era conhecida pela desenvoltura em declamar poemas e pelos polêmicos ensaios de escrita, já mostrava seus ares independentes. Heriberto, jovem galante, da alta sociedade, de família conservadora, inicialmente não se ateu a estes detalhes, seus olhos estavam alheios ao mundo e a todos, movia-se pelo doce sentimento que os unia. O namoro fisicamente foi curto, aproximadamente um ou dois meses (durante as férias do estudante).

A família de Heriberto não aprovou a escolha do rapaz e exigiram o rompimento. Para facilitar, decidiram pelo seu retorno aos estudos. Após um ano de silêncio, Anayde e Heriberto reataram o namoro, quando o estudante ainda estava cursando medicina, no Rio de Janeiro, por iniciativa dela, que quebrou o gelo e enviou-lhe a primeira carta. Ele responde-lhe com súplica: “É-me impossível esquecer-te. Sofro atrozmente só em pensar no que te fiz. Perdoa-me pelo amor de Deus e escreve-me. Diz-me ainda se me amas. Livra-me deste martírio que me definha” (Heriberto, Rio 03 de junho de 1925 apud ARANHA, 2005, p. 45).

O namoro prosseguiu em “segredo” durante um ano e dois meses. Anayde e Heriberto, através da correspondência, imaginaram a vida de casados. Delinearam os detalhes do casamento, das núpcias, dos filhos. E, durante o relacionamento epistolar surgiu também a cobrança do amor-posse, o ciúme, a desconfiança, a insegurança, o medo da traição, a implicância familiar, as fragilidades e conseqüentemente o rompimento.

Depois de um ano e meio do fim do relacionamento, em 27 de outubro de 1927, já formado, Heriberto ingressou como médico no Corpo de Saúde da Armada Brasileira, como Primeiro-Tenente da Marinha. Em 16 de maio de 1960, foi transferido para a Reserva como Almirante de Esquadra. Seu nome, atualmente, está perpetuado numa Rua do Bairro de Taquara, na cidade do Rio de Janeiro (ARANHA, 2005).

Anayde Beiriz (1905–1930) é o ícone da mulher ousada, determinada e apaixonada. Professora, poeta, ensaísta, musa do modernismo paraibano, imortalizada na arte² e na literatura. Seus traços biográficos podem ser conferidos em Joffily (1980); Odilon (1984); Luna (1995); Schumacher (2000); Melo (2002); e Pimentel (2002). Nasceu no dia 18 de fevereiro de 1905, na província da Parahyba do Norte, atual João Pessoa. Seu pai, José da Costa Beiriz, trabalhou como tipógrafo do jornal *A União* e sua mãe, Maria Augusta de Azevedo era a autoridade do lar. Anayde destacou-se como uma mulher emancipada para os costumes de sua época ao expressar sua sensibilidade poética nos idos de 1920. Precursora de novas modas, ao usar decotes, corte de cabelo à *la garçon*, lábios pintados de vermelho, fumar, andar desacompanhada na rua e viver a paixão em sua plenitude.

Heriberto Paiva (1906-1978), um dedicado estudante de medicina, mantido financeiramente pela família. Sócio e freqüentador do Clube Guanabara, um dos mais luxuosos da capital republicana. Depois de um ano e meio do fim do relacionamento, em 27 de outubro de 1927, já formado, ingressou como médico no Corpo de Saúde da

Armada como Primeiro-Tenente da Marinha Brasileira. Em 16 de maio de 1960, foi transferido para a Reserva como Almirante de Esquadra. Seu nome, atualmente, está perpetuado numa Rua do Bairro de Taquara, no Rio de Janeiro³.

Depois do romance com Heriberto, viveu um tórrido relacionamento com o advogado João Dantas, opositor político e assassino do presidente João Pessoa⁴, que a perpetuou na história local. Anayde encontra-se na dicotomia: coadjuvante/pivô. “Coadjuvante” para alguns defensores da Aliança Liberal e perpetuadores da versão do Nego nas eleições políticas de 1930. Ou, o “pivô”, no folhetim que causou o estopim da Revolução para os defensores do perrepsismo e do movimento de mulheres. Suicidou-se sob pressão moral e política, em 22 de outubro de 1930. (PINHEIRO, 2006; 2007).

Os lugares e tempos circunscritos nas epístolas

A metrópole do Rio de Janeiro e a provinciana cidade da Parahyba do Norte foram os cenários onde desenrolou o amor proibido, os conflitos e os desejos, contidos no folhetim epistolográfico protagonizados por Anayde Beiriz e Heriberto Paiva. Estes dois contextos incorporavam perspectivas de pessoas e de gerações sociais diferentes, que viviam e percebiam os processos de mudanças a partir de visões distintas e contraditórias.

Heriberto, apesar de viver na metrópole, não assimilava e não absorvia os tempos modernos. Seu pensamento expressa conceitos patriarcalistas e provincianos, comuns aos homens abastados e conservadores da época. Destaca os efeitos sentidos no Ensino Superior com a Reforma Rocha Vaz, instituída através do Decreto n. 16.782—de 13 de Janeiro de 1925. As medidas acentuaram o debate extra-parlamentar, gerando a crise política. Tendo seus efeitos nos conflitos do Forte de Copacabana; nas Revoluções de 1922 e 1924, que influenciaram durante seis anos a Revolução de 1930 (1925-1930), (LIMA, [s/d ?], p. 118-119). Em carta de 14 de Setembro de 1925 diz ele:

Amor: há vinte dias que estamos em greve, devido a reforma do ensino que de certo modo nos veio prejudicar, e se o governo não ceder aos nossos desejos, talvez tenhamos a Escola fechada por dois anos.

Tenho fé em Deus, que tudo se resolverá harmoniosamente e cordialmente, sem nenhum prejuízo para a classe, pois, não é agradável fazer o curso em oito anos. (Heriberto, apud ARANHA, 2005, p. 70)

Então, para me escreveres é necessário que aproveites alguns momentos de ociosidade? Amor, em que te ocupas? Porventura vives mais ocupada do que eu, ao ponto de não me poderes escrever? Eu se eu te disser o quanto tenho sofrido com a malfadada reforma do ensino? O quanto tenho estudado?

Não acreditarás? Serão, sem dúvida, os “Novos” que te querem separar de mim? Preferes a amizade deles? Não, Anayde, eu não o creio, disseste-me uma vez que o teu coração não ama duas vezes, e, eu bem sei que há entre nós uma união espiritual que nunca poderá ser desfeita.

Mas, Anayde querida, o amor está em primeiro plano, muito acima do dever.

Esqueça um pouco os “Novos” e escreva-me com mais brevidade Perdoa-me o que te digo; são frases do coração a que não posso calar. (Heriberto, Rio, 30 de Julho de 1925 apud ARANHA, 2005, p. 58).

Heriberto, também expressa nas suas missivas o enraizamento do conceito patriarcal e provinciano, comuns aos homens abastados e conservadores da época. Enfatiza o receio da agitada movimentação social de Anayde, em carta do dia 27 de Junho de 1925, diz ele: “Amor: tenho apenas um receio. É que os teus serões litero-dançantes que te aproximam do meio social tu me esqueças; e, o afeto que me dedicas seja revertido em prol de outrem.” (ARANHA, 2005, p. 49).

Enquanto Anayde, mesmo vivendo na província paraibana, ao contrário, seduzia-se pela revolução dos costumes da *Belle Époque*. Quanto às inseguranças dele, ela se defendia respondendo-lhe:

Hery: debes pôr de parte esse teu receio, em se tratando dos serões litero-dançantes. Frequento-os desde alguns meses, e, até aqui, neles nada encontrei que me pudesse fazer esquecer-te. Aprendi a dançar, somente porque a gente deve saber um pouco de tudo. Quanto à

sociedade, eu aborreço-a; nada vejo que me possa prender a ela. A vida que eu almejo é bem diferente dessa existência inútil e vazia que poderia encontrar ao lado desses ridículos meio – homens que são os nossos almofadinhas. Sonho uma vida tranqüila, sem preocupações e sem tristezas, ao teu lado, numa casinha pequena, cheia de flores, longe dos olhares invejosos dos hipócritas e dos maus. Então eu acreditaria que a felicidade existia para mim.

Os Novos tratam-me com respeito e demasiada gentileza; talvez isto seja devido em grande parte, a ser eu a única moça que faz parte do grupo; quanto a mim, trato-os com delicadeza, mas não sem essa reserva que não permite liberdades, nem certos gracejos. (Anayde Beiriz, Parahyba, 12 de Julho de 1925 apud ARANHA, 2005, p. 51).

Escuta meu amor: quando te escrevi aquela carta, estava sobrecarregada de trabalho se não pesado, pelo menos extenuante. Sei, meu Hery, que o amor esta acima de todos os deveres, de todos os compromissos, de tudo afinal. Mas, acho também que a gente deve sempre cumprir o que promete; e eu prometera naquela semana escrever um conto para a revista paraense: *Belém Nova* e outra para a *Pilhéria*, do Recife; tinha, além disso, de colaborar na página literária do *O Jornal* e de comparecer a uma festa dos *Novos*. Recebera, além disso, um pedido de colaboração para a *Era Nova* e outro para o *Jornal do Recife*. (Anayde, Parahyba, 10 de Agosto de 1925 apud ARANHA, 2005, p. 59)

Anayde se contradiz ao se defender argumentando sobre a futilidade dos eventos sociais. Leva-nos a crer que a justificativa foi apenas para tranqüilizá-lo e não ferir sua altivez masculina. Nas cartas expressa verdadeira fascinação pela atividade literária oriunda da cidade carioca.

O Rio de Janeiro exercia o papel de metrópole-modelo, sede do Governo Federal, centro cultural, pólo de atração internacional. Impulsionada pelo progresso tornou-se palco de visibilidade em todo o território brasileiro. A cidade ditou modas e novas regras de comportamentos, que articularam a modernidade as complexas experiências de transformações dos hábitos e da cultura.

Na Paraíba a agitação cultural expressava a ascensão da classe média, mesmo não sendo revolucionária, com moldes reformistas identificava-se o grupo dos

Novos, com a efervescente revolução dos costumes dos anos 20. Abriam-se novos espaços às letras, às artes na imprensa, órgão central da propagação da emergência sociocultural que predominava na região. A nova ordem surgia revolucionando o espaço urbano e o comportamento dos mais jovens antenados com as novas tendências, na moda, na arte e na Literatura. Anayde Beiriz sentia-se familiarizada com os ares modernos, influenciados por intelectuais lyceanos que atuavam também na Escola Normal. Vários escritores-professores e jornalistas aderiram ao moderno (MELLO, 2002, p. 169). A idéia de novos tempos e de emancipação feminina se sedimentava em muitos seguimentos que se expandiam pelo país vindo do Rio de Janeiro, a capital cultural do Brasil. Logo depois eclodindo, em São Paulo, com a Semana de Arte Moderna.

A influência da conjuntura do movimento vanguardista na Paraíba do Norte foi representada pelo grupo dos *Novos*, da qual participava o carioca Amaryllo de Albuquerque, que vinha à cidade para organizar os saraus litero-dançantes. Participavam das reuniões os intelectuais, Perilo D'Oliveira, Orris Barbosa, Eudes Barros, Silvino Olavo e Severino Alves Aires, Raul de Góes, Samuel Duarte, Demetrio Toledo. Anayde, freqüentadora e declamadora de poemas nos saraus era admirada pelo jornalista e poeta pernambucano, Austro Costa que também era assíduo freqüentador das reuniões do grupo.

A significativa urbanização na província paraibana também é registrada na imprensa local. Evidenciam-se: *A União, A Imprensa, O Norte, O Correio da Manhã*, que além de noticiarem o sucesso da burguesia e as críticas dos deslizes dos governantes serviram de espaço para as vozes das mulheres, antes caladas e oprimidas.

A mulher, mal remunerada nos seus esforços, mal compreendida nas suas aspirações, mal satisfeita nos seus afetos, foi perdendo aquela docilidade e timidez de caráter. [...] foi procurando se libertar do domínio do homem, a quem ambicionava não como senhor, mas como amigo e companheiro [...]. E uma noite de lágrimas sufocadas teve como aurora uma coesão de sentimentos revoltados que recebeu o estratégico nome de feminismo (EUDÉSIA VIEIRA⁵ apud ARAÚJO, 1995, p. 78).

Sob essas influências, Anayde, também adepta das letras e motivada pela abertura às mulheres na imprensa passou a defender publicamente a emancipação feminina, publicando contos e poesias. Foi colaboradora das revistas, *Belém Nova* (Pará), *A Pilhéria e Revista da Cidade* (Pernambuco), *Era Nova*, *O Jornal* e *Revista da Semana* (Paraíba), identificadas com o movimento modernista.

Segundo Maluf e Mott (1998), de modo geral no país, as mulheres estimuladas pelos ares da urbanização, reivindicavam a igualdade de formação para ambos os sexos e foram transmissoras de ideologia através dos diversos periódicos destinados ao público feminino que surgiram na década de 1920. As publicações eram ricamente ornadas com vinhetas e ilustrações.

Morais (2002, p. 69) registra a participação das mulheres na imprensa feminina desde o século XIX, como espaço de conscientização da condição da mulher, utilizados inicialmente como tática para que fossem disseminadas sutilmente as reivindicações femininas. Dentre os periódicos estão: *O Belo Sexo* (1862); *Biblioteca das senhoras* (1874); *O Bisbilhoteiro* (1862); *Eco das damas* (1879); *Recreio do belo sexo* (1856), e tantos outros.

Enfim, o ar do descontentamento social, contra o tradicional sistema oligárquico dominante, germinou um espírito de novos tempos e a consciência de uma nova mulher. Envolvidas neste sentimento moderno as novas mulheres deixavam o lugar do privado para trás e exigiam a participação em novos espaços para a efetivação da emancipação feminina.

As mulheres de acordo com Teles (2003), deram uma contribuição importante para a efetivação da emancipação feminina como a luta pela conquista do voto feminino, a instrução feminina, a proteção às mães, à infância e garantias para o trabalho feminino. Os efeitos desta atmosfera cosmopolita repercutiam na cidade paraibana e disseminava o desprezo ao passado, o desejo de soltar-se das amarras dos modos provincianos, incutindo o sonho de uma sociedade moderna.

As relações de gênero, a Educação e a História

Quando se fala em relações de gênero, entende-se nesse conceito, o significado das diferenças sexuais, incutidas do caráter social, cultural e histórico. Na história mundial social, os papéis masculinos e femininos sofreram conflitos e mudanças. No início do século XX, a interação entre homens e mulheres reorganizou-se

com o avanço da profissionalização das mulheres. Elas mobilizaram-se inspiradas nos ares ocidentais em inúmeros espaços e reivindicaram direitos específicos e liberdade.

De acordo com Stearns (2007), os valores de gênero são profundamente pessoais, partem da identidade individual e social. Portanto, as pessoas podem ser particularmente relutantes em substituir padrões que definem sua feminilidade ou masculinidade, mesmo quando pressionadas pela sociedade dominante. Nessa mentalidade, Anayde Beiriz resistiu às normas estabelecidas pela sociedade paraibana. Expressou sua defesa e luta pela liberdade absoluta às mulheres sem preocupar-se com os preconceitos e julgamentos morais.

As relações entre Anayde e Heriberto principiaram-se, com as contradições de classes sociais que os diferenciavam. Ele, estudante na escola de medicina carioca, adquiria o mais alto nível de ensino, destinado à elite brasileira. O Rio de Janeiro concentrava o foco da cultura européia e, a escola de medicina, era o local dos mais brilhantes clínicos e cirurgiões. Conforme Azevedo (1996, p. 295) os bacharéis de direito e os “doutores, foram os que, adquiriram na hierarquia interprofissional, maior autoridade e prestígio”. Ela, marginalizada na profissão do magistério primário, que além de oferecer o mínimo em matéria de instrução, a baixa remuneração não atendia as necessidades concretas de independência financeira, escondida no aparente *status*. Anayde situava-se, num plano econômico inferior ao dele, afetada pela estratificação social, diferenciada por um *status* social, que orientam o comportamento humano de maneira padronizada, dentro dos grupos ou classes.

Essas interdependências de sentidos moral, social e político, de grande importância no mundo moderno, foram amplamente defendidos pelo liberalismo clássico religioso, que pensavam apenas em tornar a mulher apta para exercer o papel de mãe e esposa. Essa preparação disciplinar era obrigatória na educação das mulheres com os trabalhos de agulha e as prendas domésticas. Apesar dos inúmeros avanços na carreira feminina, a limitação de suas ações ainda era premente na época. O próprio plano positivista de instrução feminina tinha sua visão nas diferenças dos sexos e nos papéis sociais que deveriam desempenhar cada um.

Saffioti (1979) enfatiza que esta corrente de pensamento a cada superioridade afetiva da mulher correspondia a uma superioridade de caráter do homem. Desta forma, a preeminência moral e social da mulher constituía-se nos pilares da sua instrução.

Chinoy (1967) esclarece que, a organização em larga escala e os regimes totalitários ameaçavam impiedosamente subordinar o indivíduo a propósitos de grupos e a lhe controlar e manipular as atividades, as crenças e atitudes diárias, e até a concepção de si mesmo. Nessa “arena” social se apresentam alguns problemas da igualdade e desigualdade, a qual os papéis dos gêneros humanos estão inseridos. Porém, dentro da sociedade existem os padrões desviantes de suas normas. Esses comportamentos originam-se, nas necessidades insatisfeitas, nos impulsos incontrolláveis ou nos problemas emocionais. Impulsionados pela paixão, Anayde e Heriberto ignoraram a posição econômica, os valores e as tradições culturais enfrentando inicialmente os desafios.

Anayde apaixonada renuncia a si própria. Mesmo, enfrentando os desafios do amor secreto e proibido, que representavam sua transgressão moral e social, não percebia o peso desigual para o lado feminino, que suas atitudes ocasionavam. Obedecia docilmente, o ditame da covardia masculina. Deixava-se seduzir ingenuamente, como se percebe em carta de 10 de Agosto de 1925:

Crê meu Hery, que naqueles dias tive desejos de fugir para bem longe, para uma praia solitária onde o único ser vivente fosse eu, e onde o silêncio fosse somente perturbado pelo gemer do oceano, pelo grito das aves marinhas, pelo ciciar da brisa na frente do coqueiral... Com que delicioso prazer eu me estenderia nas brancas areias silentes!... e pensaria tanto em ti, no nosso amor!... Mas, esse meu desejo foi um sonho que passou como tudo na vida, menos um amor verdadeiro há de passar...

Perguntas-me se prefiro a amizade dos *Novos* ao teu amor? Estás louco, meu Hery? Acaso, existe para mim, alguma coisa comparável ao teu afeto? De certo que não.

Para provar-te que acima de tudo, coloco e colocarei o teu amor e para que entre mim e ti não exista nunca uma sombra ou dúvida por pequena que seja, eu abandonei os *Novos*; no próprio dia em que recebi a tua carta, despedi-me deles sem pesar e sem saudades. Relutaram, pediram-me que desistisse do meu propósito, mas mantive-me inabalável. (apud ARANHA, 2005, p. 59-60)

Sua mentalidade expressava o conformismo natural dos valores perpetuados pela instituição educacional feminina. Onde as mulheres eram instruídas para manterem a posição de dependência e inferioridade perante o marido. Como “boas” companheiras, esposas “virtuosas”, bondosas e complacentes, preparavam-se para satisfazerem o desejo do homem, seu legal “proprietário”, pós-casamento. Assim, desejava e pensava Heriberto sobre Anayde:

Tu, a esposa ideal, amante do teu lar, fiel ao teu companheiro, para o qual sempre terás um beijo, uma carícia e, ainda, a mãe carinhosa. Porque já te disse uma vez, pretendo, ou melhor, pretendemos, desejamos possuir dois filhinhos. Ruth e Fernando, que hão de ser o nosso encanto, os frutos de todo o nosso affecto. (Heriberto, Rio 31 de Julho de 1925 apud ARANHA, idem, p. 63).

A família é a unidade social básica na sociedade. Os elementos centrais familiar são: o casamento e a paternidade. “Tão intimamente ligados estão o matrimônio e a paternidade que o primeiro, às vezes, só se considera consumado quando nasce uma criança.”, diz Chinoy (1967, p. 203). A imagem do casamento e da constituição familiar para Heriberto representa claramente as regras do Código Civil de 1916. Tempo em que a mulher ainda era considerada incapaz, dependente e inferior perante o marido. “A ela cabia a identidade doméstica; a ele, a pública”. A mulher-serva, fechada, exclusiva para servir ao seu “senhor”; o homem-administrador, o único provedor, autorizado a legítima violência contra os arroubos femininos. As regras do lar atribuíam “a homens e mulheres papéis que a encíclica *Rerum Novarum* enfatizava, em 1891”. (PRIORE, 2006, p. 248).

A mulher deveria ter graça e delicadeza para educar as crianças. Esta ética está fundamentada no amor e no ser feminino e foi inspirada no pensamento do século XVIII:

Educar uma filha é educar a própria sociedade. A sociedade procede a família, cuja harmonia é a mulher. Educar uma filha é uma obra sublime e desinteressada. Pois tu só as crias, ó mãe, para que ela possa deixar-te e fazer-te sangrar o coração. Ela está destinada a *outro*. Viverá *para os outros*, não para ti e não para ela. É esse caráter relativo que a põe acima do homem e faz dela uma religião. Ela é a chama de

amor e a chama do lar. É o berço do futuro, é a escola, outro berço. Em uma palavra: *ela é o altar*. (MICHELET, 1995, p. 84).

Michelet (1995) também profere que o dever é um princípio que habita o interior da alma feminina. A essência, da educação dos meninos é a organização de uma força eficaz e produtiva, ou seja, criar um criador. Já, a das meninas a harmonia, a poesia religiosa, para reerguer o homem, educar a criança e enobrecer a família. Educar a menina é educar a própria sociedade, pois esta provê da família, cuja harmonia é a mulher. A essência feminina realiza-se no interior do lar e sua natural missão é primeiramente amar; a segunda, amar apenas um; a terceira, amar sempre.

No contexto historiográfico, por preconceitos ancestrais, a mulher manteve-se em muitos casos sob a direção do homem. As transformações da representação da imagem tradicional e servil da mulher para uma mais libertária, autônoma, emergindo dos mitos, descobrindo seu poder, ou um visível progresso de emancipação são perceptíveis com a instauração da sociedade industrial. Outro aspecto dessa transformação e a evolução por que passou a humanidade com as descobertas das ciências e o acesso à cultura.

A mentalidade de mansidão, submissão e resignação das mulheres, segundo o pensamento de Mill (2006), em *A sujeição da mulher*, têm sua essência na concepção “escravidão-natural”, ou “a escravidão-voluntária”. Esse sentimento é uma construção sócio-histórica, onde as mulheres são criadas desde muito cedo na crença de que seu caráter é o oposto do caráter masculino, sem vontade própria e governadas pelo autocontrole, com submissão e permitindo serem controladas por outros. A Educação também era usada para atingir esse propósito de moralidades e sentimentos que afirmam ser obrigação da mulher viver para os outros, abnegar-se completamente.

Esse amor, segundo Sartre (apud SCHOEPFLIN, 2004) que faz o ser escravizar-se num amor contemplativo limitando sua própria liberdade é o ideal da aventura amorosa, da abnegada liberdade alienada. O amor também é um conflito, considerando que o ser para o outro implica uma dupla negação interna, apesar da convicção do respeito mútuo. Neste envolvimento as relações não escapam da lógica da posse e da sujeição. Eis alguns pequenos trechos, onde se percebe esse amor-prisão:

Oh! Mulher divina! Que poder tens tu para escravizar-me? Por que a tua imagem não se apaga da minha lembrança? Que poder tens tu, para tornar a vida de um homem num constante sonho de amor? Não és humana, és mytho! (Heriberto, Rio, s.d. apud ARANHA, idem, p. 151).

Ah! Meu amor, você não calcula como essas coisas me revoltam! Às vezes chego a mal dizer o amor que te tenho esse amor que me condena ao silêncio, que me impede de gritar em brados de ódio a minha revolta, renunciando para sempre a ti... (Anayde Beiriz, Parahyba, 25 de Fevereiro de 1926 apud ARANHA, idem, p. 110).

Mas, não me julgues por isto diferente das outras mulheres; há em todas nós o mesmo instinto, a mesma animalidade primitiva, desenfreada... [...]. Não amamos num homem apenas a plástica ou o espírito; amamos o todo. Sim meu Hery, nós mulheres, não temos meio termo no amor; não amamos as linhas, as formas, o espírito ou essa alguma cousa de indefinível que arrasta vocês, homens, para um ente cuja posse é para vocês um sonho ou raia às lides do impossível. Não, meu Hery não é assim que as mulheres amam. Amam na plenitude do ser e nesse sentimento concentram por vezes todas as forças da sua individualidade physica ou moral. (Anayde Beiriz, Parahyba, 04 de julho de 1926 apud ARANHA, 2005, p. 143).

Ambos deixam-se dominar pelos incontroláveis impulsos do amor-paixão, que entorpece a razão e arrasta os corpos ao imaginário prazer do desejo. Mas também a ambos há um significado diferenciado do amor. Para Heriberto, o amor narcisista, sedutor e conquistador, dominado não pela dolorida escravidão aparente, mas como chantagem emocional, que esconde a própria realidade da possuidora-ambição na liberdade da amada. Em Anayde, o inebriado amor, renúncia, abnegação, que adormece a razão e o orgulho. O amor-sacrifício que, através da humildade rebaixa-se, para engrandecer-se aos olhos do amado e que a torna prisioneira do ciúme e das vontades dele. Para ela, o que valia era o amor pleno.

Entretanto, se não fosse também natural a contradição humana, como o diz Sartre. Anayde estaria vinculada perpetuamente a esses princípios. Mas no decorrer do relacionamento epistolar, ela mostra sua singular impetuosidade, sua ousadia e seu

inconformismo contra a hipocrisia, a injúria, a injustiça e a castração da sua liberdade. Vejam trechos:

Não me creias uma mulher romântica, piedosa, dessas que ama pacífica e sinceramente, mas sem intensidade e sem ardor, essas mulheres que sabem ser esposas, sabem ser mães, mas não sabem ser amantes. Talvez preferisses que eu fosse desse número e se eu o quisesse poderia parecer-te sempre assim, mas eu não desejo enganar-te. Se chegar algum dia a ser tua, encontrará em mim, a esposa, a mãe, a amiga, a irmã e, mais que isso, encontrará a amante, a mulher. Sei que não é bonito isso que te estou a dizer, mas a confiança que tenho em ti leva-me a falar-te deste modo. (Anayde Beiriz, Parahyba, 29 de Setembro de 1925 apud ARANHA, idem, p. 72).

[...] eu possuo essa impetuosidade despreocupada e desinteressada dessa raça mestiça de que descende minha família paterna, também possuo, num grão tão alto como ninguém talvez suponha a altivez e o orgulho dessa raça de sertanejos a que pertence minha mãe. (Anayde Beiriz, Parahyba, 31 de Janeiro de 1926 apud ARANHA, idem, p. 96).

Crêem elles que eu sou trágica, que gosto desse amor que queima, dessa paixão que devora, dessa febre amorosa que mata... (Anayde Beiriz, Parahyba, 07 de março de 1926 apud ARANHA, idem, p. 116).

A impetuosidade e o orgulho de Anayde impuseram a Heriberto os limites de seu amor-posse. Da rejeição familiar inicial aos ciúmes dele o relacionamento sofreu uma imediata desarmonia. O rompimento foi inevitável e em ambos ficaram as reminiscências doces e amargas. O favo adocicado do amor puro e ardente entregue a ele por Anayde e a ela, o amargo desamparo, violento e insano da incompreensão dele.

Por fim, analisar a escrita contida nas cartas de amor de Anayde Beiriz e Heriberto Paiva foi tentar formar suas identidades, através da qual se buscou também, decifrar suas introspecções; suas genealogias espirituais; o que expressam nos seus íntimos, enfim, suas formações sociais. Sem esquecer o recado de Foucault (1992, p.

144), quando este compreende que, “nenhuma voz individual se pode aí distinguir, só o conjunto se impõe ao ouvido”. Ou seja, não são isoladas, mas o conjunto das cartas que indicam e revelam o movimento da relação.

Nessa linha de mentalidade, também alerta Perrone-Moisés (2000, p. 175), ao analisar as cartas de amor de Fernando Pessoa e Ofélia Queiroz, diz ela: “entender um amor é sempre uma pretensão vã; considerando-se a complexidade do indivíduo-poeta em questão” (no caso Pessoa). A autora destaca a necessidade de dados biográficos para entender as cartas, ao mesmo tempo, entende que estes dados também são insuficientes para compreender o amor que se expressa na escrita.

Da mesma forma, tentou-se compreender as cartas de amor de Anayde e Heriberto; entender as representações do que não está dito explicitamente, ou o porquê do que está dito explicitamente. Não se teve a pretensão de alcançar “verdades” no pensar e no sentir dos missivistas contidas no desenrolar da relação. Buscou-se percorrer caminhos, identificando as diferenças de seus modos de agir; de pensar; de expressar suas liberdades; as imposições; os constrangimentos experimentados; as estratégias escolhidas ou utilizadas que enunciam em relação ao poder e a dominação e as redes de interdependências que os inscreveram na sociedade da época. Considera-se este estudo como um saber apropriado em construção. A *priore* iniciou-se o estudo levando em consideração a relevância dos dados biográficos dos missivistas.

Finalmente, nas missivas, Anayde e Heriberto expressaram suas confissões de amor, transgressões morais, insatisfações sociais, desejos de constituição familiar. Percebeu-se na análise a subjunção e preconceitos à mulher, a constituição da formação social moldada culturalmente por instituições que lhe impuseram conceitos de valores, classes e normas de gêneros diferenciados, que determinaram seus hábitos e costumes. Ou seja, a mulher, o recato, o esteio moral familiar, as preservadoras da tradição e perpetuadoras das regras religiosas. Já ao homem, o mundo do trabalho, da política, o exercício da liberdade. Ambos mantiveram-se fieis aos seus princípios: Anayde a ousadia e liberdade e Heriberto o orgulho e preconceito. Importante ressaltar que o contato com a correspondência, documentos e periódicos adormecidos nas estantes e gavetas dos arquivos, o qual se decifrou o código simbólico, materializado nas fontes, mereceu um olhar para além do que está representado.

REFERÊNCIAS

ARAÚJO, Fátima. A Parahyba na efervescência dos anos vinte. In: **REVISTA DO INSTITUTO HISTÓRICO E GEOGRÁFICO DA PARAÍBA**. João Pessoa. Ano LXXXII, set. de 1995, p. 77-79.

ARANHA, Marcus. **Anayde Beiriz: panthera dos olhos dormentes**, João Pessoa: Editora UNESP, 1998. (Prisma)

AZEVEDO, Fernando de. **A cultura brasileira**. Rio de Janeiro: UFRJ; Brasília: UNEB, 1996.

CAMARGO, Maria Rosa Rodrigues Martins de. Cartas adolescentes: uma leitura e modos de ser... In: MIGNOT, Ana Chrystina Venâncio; BASTOS, Maria Helena Câmara; CUNHA, Maria Teresa Santos (orgs.). **Refúgios do eu: educação, história, escrita autobiográfica**. Florianópolis: Mulheres, 2000, p. 203- 228.

CHARTIER, Roger. **A História Cultural: entre práticas e representações**. Tradução de Maria Manuela Galhardo. Lisboa/Rio de Janeiro: Difel/Bertrand Brasil, 1990. (Memória e Sociedade)

CHINOY, Ely. **Sociedade: uma introdução à sociologia**. 21 edição. Introdução de Charles Page. Tradução de Octavio Mendes Cajado. Consultor da ed. brasileira: Manoel T. Berlinck. São Paulo: Editora Cultrix, 1967.

ELIAS, Norbert. **O processo civilizador: Uma História dos Costumes**. Apresentação de Renato Janine Ribeiro. Tradução de Ruy Jungmann. Rio de Janeiro: Jorge Zañhar Ed., V. 1, 1994.

_____. **Introdução à sociologia**. Tradução de Maria Luisa Ribeiro Ferreira. Portugal: Edições: Martins Fontes (SP), 1980.

FOUCAULT, Michel. A escrita de si. In: **O que é o autor?** 3. ed. Prefácio de José A. Bragança de Miranda e Antônio Fernando Cascais: Vega/Passagens, 1992.

GOMES, Ângela de Castro (org.). **Escrita de si, escrita da história**. Rio de Janeiro: Editora FGV, 2004.

GONÇALVES, Andréa Lisly. **História & Gênero**. Belo Horizonte: Autêntica, 2006.

JOFILLY, José. **Anayde Beiriz: paixão e morte na revolução de 30**. Rio de Janeiro: Companhia Brasileira de Artes Gráficas (CBAG), 1980.

LUNA, Maria de Lourdes. **João Dantas e Anayde Beiriz: vidas diferentes, destinos iguais**. João Pessoa: A UNIÃO, 1995.

MALUF, Marina; MOTT, Maria Lúcia. Recôndito do mundo feminino. In: NOVAIS, Fernando A. (cord.); SEVCENKO, Nicolau (org.). **História da vida privada no Brasil**.

República: da *Belle Époque* à Era do rádio. V. 3. São Paulo: Companhia das Letras, 1998.

MELO, Fernando. **João Dantas**: uma biografia, João Pessoa, 2002.

MICHELET, Jules. **A mulher**. Tradução Maria Ermantina Galvão G. Ferreira. São Paulo: Martins Fontes, 1995.

MILL, Stuart John. **A Sujeição das mulheres**. Tradução de Débora Ginza. São Paulo: Editora Escala, 2006. (Coleção Grandes Obras do Pensamento Universal, n. 39)

MORAIS, Maria Arisnete Câmara de Moraes. **Leituras de mulheres no século XIX**. Belo Horizonte: Autêntica, 2002.

ODILON, Marcus. **Pequeno dicionário de fatos e vultos da Paraíba**. João Pessoa: Editora Cátedra, 1984.

PERRONE-MOISÉS, Leyla. Sinceridade e ficção nas cartas de amor de Fernando Pessoa. In: GALVÃO, Walnice Nogueira; GOTLIB, Nádia Battella. **Prezado Senhor, prezada senhora**: estudos sobre cartas. São Paulo: Companhia das Letras, 2000, p. 175-183.

PERROT, Michelle. **Minha História das mulheres**. Tradução: Ângela M. S. Côrrea. São Paulo: Contexto, 2007.

PIMENTEL, Altamar Alencar. **Cabedelo**. V. II. Cabedelo: Prefeitura Municipal de Cabedelo/Secretaria de Educação, Esporte e Cultura, 2002.

_____. *Caminhos da educação da mulher na trajetória da professora Anayde Beiriz (1905-1930)*. In: **IV CONGRESSO BRASILEIRO DE HISTÓRIA DA EDUCAÇÃO: A EDUCAÇÃO E SEUS SUJEITOS NA HISTÓRIA**. Goiânia, Goiás: Editora da UCG, Editora Vieira, 2006, Anais, CD-ROM.

PRIORE, Mary Del. **História do amor no Brasil**. São Paulo: Contexto, 2006.

SAFFIOTI, Heleieth Iara Bongiovani. **A mulher na sociedade de classe**: mito ou realidade. Prefácio Antônio Cândido de Mello e Souza. 2 ed. Petrópolis: Vozes, 1979.

SANTOS, Newton Paulo Teixeira dos. **A carta e as cartas de Mário de Andrade**. Prefácio de Ester Kosovski. Rio de Janeiro – RJ: Diadorim Editora Ltda, 1994.

SCHUMAHER, Schuma; VITAL BRASIL, Érico. **Dicionário das mulheres do Brasil**: de 1500 até a atualidade biográfica. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2000.

SCHOEPFLIN, Maurizio (ed.). **O amor segundo os filósofos**. Tradução: Antonio Angonese. Bauru, SP: EDUSC, 2004.

STEARNS, Peter N. **História das relações de gênero**. Tradução: Mirna Pinsky. São Paulo: Contexto, 2007.

TELES, Maria Amélia de Almeida. **Breve história do feminismo no Brasil**. São Paulo: Editora Juriscredi Ltda, [s.d.?].

¹ Os poucos dados acerca de Heriberto que consegui podem ser vistos em Aranha (2005, p. 26).

² Ver o filme *Parahyba, Mulher Macho*, dirigido por Tizuka Yamasaki.

³ As informações acerca de Heriberto são escassas, os dados podem ser vistos em Aranha (2005, p. 26).

⁴ João Pessoa foi candidato á vice-presidência do país na chapa de Getúlio Vargas rompendo com a política do chamado “café com leite” entre São Paulo e Minas Gerais.

⁵ Professora, médica e jornalista, foi a primeira a ingressar no Instituto Histórico e Geográfico Paraibano (IHGP), publicou a obra *Pontos de História do Brasil*, adotado como livro didático no Estado, em 1922.